



Rev. Bras. de Hipnose 2014; 25(1):54-57

ISSN 1516-232X

Associação Brasileira de Hipnose - ASBH

*Revista
Brasileira de
Hipnose*

www.revistabrasileiradehipnose.com.br

Cesar Millan e a Comunicação Efetiva: novas fronteiras na hipnologia

Cesar Millan and effective communication: new frontiers in hypnology

Ulisses Heckmaier de Paula Cataldo

Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brazil

Resumo.

A hipnose, como escreve Maurício Neubern (2009b), é frequentemente concebida como um tema polêmico na história da Psicologia. Sendo, por vezes, considerada charlatanice, vista com desconfiança e desqualificada pela psicanálise como prática ultrapassada, a hipnose, no século XX, ressurgiu principalmente a partir dos trabalhos de Milton Erickson, para atualmente ser novamente considerada um importante e poderoso recurso terapêutico. Com o advento do pensamento complexo, como escreve Edgar Morin (1977), o paradigma da neutralidade do sujeito do conhecimento entra em discussão, trazendo consigo uma nova base epistemológica para a discussão da produção de conhecimento, e, por conseguinte, novas formas de se interpretar a essência do transe hipnótico. É na égide do novo paradigma autorreferente que refletimos a cerca do trabalho de César Millan com a intenção de expandir a discussão da hipnologia para outras fronteiras.

Palavras-chave. Paradigma Complexo, Complexidade, Hipnose, Hipnologia, Cesar Milan.

Abstract.

Hypnosis, according to Maurício Neubern (2009b), is frequently considered a polemic theme in the psychology history. Sometime considered as charlatanism and disqualified by psychoanalysis as being an obsolete practice, hypnosis resurrected in century XX, mainly from Milton Erickson's work, and nowadays it is again considered an important and powerful therapeutic recourse. From the advent of complex thought, the neutral knowledge paradigm came to the discussion, according to Edgar Morin (1977), having a new epistemological basis to discuss the knowledge production and then a new way to interpret the essence of hypnotic trance. In the aegis of the new paradigm of auto-reference we reflect about the César Millan work, aiming to lead the discussion about hypnology to others frontiers.

Keywords. Complex Paradigm, Complexity, Hypnosis, Hipnology, Cesar Milan.

1. Introdução.

Cesar Millan^{1,2}, conforme conta no livro “o encantador de Cães”, é natural do México, mudando-se para os Estados Unidos para tornar-se um grande especialista em comportamento canino, ou *psicologia canina*, como gosta de definir. Fora criado numa fazenda, onde, através da observação do comportamento dos animais e das conversas com o avô, desenvolveu suas técnicas. Atualmente apresenta o seriado *o encantador de cães* na emissora *Animal Planet*, sendo o programa e suas obras literárias exibidos e traduzidos em diversos países e idiomas.

“*Nunca ir contra a mãe natureza*”, além de lema, é uma máxima que resume a natureza do seu trabalho. César, no tratamento dos cães, realiza intervenções simples, sempre voltadas para um objetivo planejado: a resolução da queixa da família, os donos dos cães, a partir de uma relação de comunicação e de submissão. Cães problema (agressivos, desobedientes, alguns com medos e comportamentos exagerados) são tratados com a finalidade da inversão da dominância estabelecida até então.

César^{1,2} escreve que, caso o dono, o humano, não estabeleça uma posição dominante, o cão, como um animal que vive, naturalmente, em “famílias”, em bandos, o faz por ele. Ou seja, o cão é

quem passa a tomar a iniciativa das ações; é o cão quem adota uma posição de superioridade², de comando. Os sintomas, ou a forma como o cão exerce e comunica a posição dominante, de superioridade, de quem deve dar as ordens para o grupo, a matilha, são justamente os comportamentos indesejados pelos donos, como dominar os passeios, urinar descontroladamente, latir excessivamente, territorialidade, agressividade, etc.

O método de César consiste em técnicas de som, toque e postura corporal, que transmitem a “energia”, a mensagem que este deseja empregar. César, através dessas técnicas, consegue de maneira surpreendente (até mesmo mágica para olhares desatentos) inverter a dominância da relação homem-cão, eliminando sumariamente o comportamento indesejado, o sintoma; uma vez que este, dado a troca de papéis e funções no contexto do grupo, da família, torna-se desnecessário.

Por além, no que consiste ao tratamento com os humanos, César nitidamente realiza técnicas presentes na terapia familiar estratégica² que possibilitam o exercício da dominância para com o cão. O estabelecimento de metas, o planejamento de intervenções, a utilização de metáforas, e a reorganização da hierarquia familiar são exemplos de procedimentos que Cesar utiliza, e que lembram muito o manejo de Milton Erickson, e dos demais terapeutas estratégicos.

A troca de um estado dominante para um estado “calmo e submisso” é o objetivo do método de César, sendo que em cada caso as técnicas utilizadas são coerentes com o estilo de vida da família e o decorrente estilo de dominância que o cachorro problema, em geral, esta exercendo - muito condizente com o princípio de utilização da hipnose Ericksoniana³. Essa mudança de estado (dominante para submisso) ou interrupção de padrão, através de comunicação, da troca de informação, para novos padrões de poder, traz consigo a mudança repentina de comportamentos; o que confere a César a alcunha de “encantador de cães”.

2. A proposta complexa e a hipnose.

Na tradição moderna de ciência, simplificadora⁴, cabe ao homem descobrir, por meio da razão, as leis subjacentes à natureza a fim de controla-la. A relação estabelecida entre homem e natureza, sob esta perspectiva, é a de dominação. César Millan, na esteira de Milton Erickson, privilegia outro tipo de relação, de forma de lidar com a natureza: prefere aliar-se a ela. Aliança no sentido de uma *práxis* voltada para utilização dos recursos da natureza (sejam estes recursos da subjetividade do cliente, ou a postura pragmática de “repetir o que funcionou” na reabilitação canina) para a obtenção do comportamento, ou do estado, desejado.

O Behaviorismo é uma escola de psicologia que, nos moldes do conhecimento simplificador, estuda o comportamento animal numa tentativa de transpor o método das ciências da natureza para o estudo do comportamento. Para o Behaviorismo, seguindo uma tradição epistemológica racionalista e mecanicista - que isola do ambiente o objeto de estudo - os animais (inclusive os animais humanos) não são dotados de consciência, respondendo aos estímulos da natureza por condicionamento⁵. O condicionamento operante, pois, proposto por Skinner, é uma forma de aprendizagem associativa, na qual as consequências de um comportamento alteram a probabilidade da sua ocorrência⁶.

Defendemos que as intervenções realizadas por César Millan¹ ultrapassam a ordem dos condicionamentos dos behavioristas, pertencendo a um tipo diferente de prática. Em alguns momentos certas intervenções, como oferecer biscoitos, por exemplo, podem ser confundidas com reforços positivos, no entanto, de uma forma geral, seu trabalho não visa à manutenção de certos comportamentos e/ou a extinção de outros via recompensas e punições. O que as intervenções de César Millan¹ almejam é a mudança de estados, e a correlata disputa de poder no grupo. Elas correspondem a uma complexa interação onde a postura dominante do humano induz o cão a novos padrões de comportamento que condizem com o estado de submissão, e não da seleção de comportamentos reforçados ou extintos. Nas palavras de César Millan:

O cachorro só precisa de alguns segundos para determinar que tipo de energia você está projetando, por isso é importante ser firme. Com seu cão, você tem de pro-

jetar o tempo todo o que chamo de energia "calma e assertiva". Um líder calmo e assertivo é descontraído, mas sempre confiante de que está no controle.¹

A partir de Edgar Morin⁷, entendemos a produção de conhecimento atrelada à cultura, ao paradigma dominante, numa relação dialética entre conhecer e produção do objeto do saber. Este autor propõe uma epistemologia complexa, que visa à integração do sujeito e do ecossistema na produção do conhecimento, do contrário do pensamento simplificador, reducionista, mecanicista e naturalista. Sobre o pensamento simplificador da racionalidade moderna que leva o homem à “inteligência cega” - que isola os objetos do meio – Morin⁷ afirma:

Tal conhecimento, o conhecimento moderno simplificador, baseava seu rigor e sua operacionalidade na medida e no cálculo; mas, cada vez mais, a matematização e a formalização desintegraram os seres e os entes para só considerar como única realidade as fórmulas e equações que governam as entidades qualificadas. Enfim, o pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo (unitat multiplex). Ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou, ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade.⁷

Segundo o Morin⁸, a realidade deve ser estudada levando em consideração o contexto e o observador, defendendo, por conseguinte, a construção reflexiva e complexa da realidade. Para ele, a complexidade é um tecido que integra constituintes antes heterogêneos numa ciência de sistemas abertos, auto-eco-organizadores. Dessa forma, saberes antes isolados pelo paradigma simplificador, como a biologia e a antropologia, por exemplo, devem ser associados:

Se o conceito de Física se amplia, se complexifica, então tudo é Física. Eu digo então que a Biologia, a Sociologia, a Antropologia são ramos particulares da Física; do mesmo modo, se o conceito de Biologia se amplia, se complexifica, então tudo que é sociológico, antropológico é biológico.⁸

Conforme pensa Maurício Neubern^{9,10}, a hipnose necessita de uma epistemologia complexa, qualitativa que dê voz aos fenômenos da subjetividade. Concordando com o autor citado, seguindo a proposta epistemológica da complexidade, não entendemos a hipnose como uma manifestação especial de faculdades mentais interiores, objetivas, isoladas; do contrário, entendemos a hipnose como uma forma de comunicação (verbal e não verbal) que visa resultados específicos, o estado, a emoção, ou o ânimo, que o hipnotizador almeja alcançar - sendo estes estados sempre correlatos a metacomunicação de uma relação de poder^{11,12}, ou “energia” como prefere Cesar Millan. Dessa forma, propomos que o homem deve ser reintroduzido ao meio natural, integrado; sendo a hipnose compreendida como um princípio natural da comunicação, uma resposta a um tipo específico de comunicação.

Portanto, concluímos parcialmente que César Millan produz novas relações, novas divisões de papéis e hierarquias, nos auto-ecossistemas, nas famílias que atende. Essa forma de intervenção, além da semelhança com o método de Milton Erickson e dos terapeutas estratégicos, caracteriza-se, no que tange aos cães, por um tipo efetivo de comunicação que altera não só o padrão de resposta do animal no contexto específico que este se encontra, como seu estado, e posição de poder. Noções como consciência, estados de consciência, a existência, ou não, de faculdades cognitivas nos cães, e o desenvolvimento de questões filosóficas sobre, por exemplo, a corporeidade, e a “natureza da natureza”, ultrapassam, por hora, as pretensões desta exposição; não obstante, concluímos que as técnicas de César, do contrário de serem condicionamentos, segundo visão complexa e autorreferente do conhecimento, abrem possibilidade de uma enriquecedora correspondência com o entendimento proposto da hipnose: uma resposta condizente a uma comunicação específica.

Agradecimentos

Agradeço a Associação Brasileira de Hipnose, principalmente a Professora Célia Cortez, pela oportunidade de contribuir para com a revista. Aos professores Celso Lugão da Veiga e Maurício da Silva Neubern, e, também, a Cesar Millan.

Nota. Jay Haley¹² descreve o poder nas relações através da ideia de superioridade; ou seja, aquele que na relação inicia e comanda as ações se encontra numa posição superior aos demais.

Referências

1. Millan C, Peltier MJ. O encantador de cães: compreenda o melhor amigo do homem. 18ª ed., São Paulo: Ed. Verus, 2011.
2. Millan C. O encantador de cães: compreenda o melhor amigo do homem., São Paulo: Ed. Verus, 2007.
3. Haley J. Terapia não convencional: as técnicas psiquiátricas de Milton Erickson. Tradução Norma Telles. 9 ed., São Paulo: Summus; 1991
4. Morin E. O Método - A natureza da Natureza. Vol. I . 2 ed., Porto Alegre: Sulina, 1977
5. Schultz D; Schultz S. História da Psicologia Moderna. 8 ed., São Paulo: Pioneira, Thomson Learning, 2005.
6. Hill W. Aprendizagem. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, Rio de Janeiro, 1981.
7. Morin E. O Método – As Idéias. Vol. IV. Sulina, Porto Alegre; 1991.
8. Morin E. Introdução ao pensamento complexo. 4ed., Porto Alegre: Sulina, 2011.
9. Neubern MS. Hipnose e Subjetividade: Reflexões Sobre a Ciência Moderna e a Psicologia. *Diversitas* (2009); 5: 307-319.
10. Neubern MS. Psicologia, Hipnose e Subjetividade: A História Revisitada. 1. ed., Belo Horizonte: Diamante; 2009b.
11. Watzlawick P; Beavin JH.; Jackson DJ. Pragmática da Comunicação Humana. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.
12. Haley J. As táticas e o jogo de poder de Jesus Cristo e outros ensaios. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.